

**CORAGEM**  
AVENTURA

# Da estratosfera com amor

Saltar da estratosfera. Parece loucura — mas é o último projecto de Mário Pardo, que planeia subir a 42 km... para cair a 1500 km/h. Para o menino que sonhava ser astronauta não há limites **TEXTO DE KATYA DELIMBEUF FOTOGRAFIA DE TIAGO MIRANDA**

**D**este miúdo que queria ser astronauta. Passava noites à janela, a olhar para o espaço, a desejar ir por ali fora. Depois, Mário cresceu, absorveu todos os condicionamentos e limitações que a sociedade lhe quis meter na cabeça e colocou o sonho de lado. Afinal, quantos miúdos não sonham ser astronautas — e quantos conseguem realmente? Mas, há dez anos, ao ler a história de Joseph Kittinger, o capitão da Força Aérea Americana que realizou o maior salto da estratosfera, a 102.800 pés (31.300 metros) em 1960, Mário Pardo atreveu-se a sonhar de novo.

Nascia assim o projecto “Stratosphere”





**MÁRIO PARDO** SUSPENSO EM ESTÚDIO. NADA QUE SE COMPARE À REALIDADE. PREPARA-SE PARA SUBIR ATÉ À ESTRATOSFERA, A 120.000 PÉS, E CAIR LIVREMENTE



# Metas no espaço

## ESTRATOSFERA



O recorde que Mário Pardo se propõe bater (na verdade, cinco recordes) passa por voar até a um mínimo de 120 000 pés – sendo a meta os 150 000 – para depois cair esses 42 km em queda livre



O recorde actual pertence ao americano Joseph Kittinger, que em 1960 saltou de um balão estratosférico a **31 333 metros**



ER-2, avião da NASA que voa a grandes altitudes, **20 000 m**

## TROPOPAUSA

## TROPOSFERA



Avião comercial **12 000 m**

Monte Everest **8 848 m**

50 km

45

40

35

30

25

20

15

10

5

0

(Estratosfera), que se propõe ir até à segunda camada da atmosfera num balão a hélio e depois cair, em queda livre, os mesmos 120.000 pés (36.500 metros) por ali abaixo... Aquilo que levará a Mário duas horas e meia a subir levará singelos cinco minutos e meio a descer — só que a uma velocidade superior a 1500 km/hora. Se tudo correr como previsto, o tricampeão nacional de queda livre quebrará cinco recordes mundiais (altitude em voo de balão tripulado, altitude em salto de queda livre, maior distância percorrida em queda livre e mais longa queda livre realizada, e recorde de velocidade alcançada, ultrapassando a barreira do som), com direito a inscrição no “Guinness” e tudo.

Há riscos óbvios, inerentes. Um deles é “entrar em spin”, ou seja, perder a estabilidade e vir por aí abaixo em círculos — “o que aconteceu a Kittinger”. Safou-o um *drogue*, espécie de pára-quedas de emergência pensado para dar estabilidade em objectos a altas velocidades. Mas Mário acredita que, com mais de 4000 saltos na bagagem e a sua experiência de pára-quedista, isso não vai acontecer — embora esteja previsto levar um *drogue* para activar em caso de emergência. Outro risco passa pela fragilidade do material do balão estratosférico, que tem a textura de “um saco de plástico muito fininho” e facilmente se pode danificar na descolagem.

Apesar de parecer uma ideia meio louca, o projecto “Estratosfera” tem uma sólida equipa científica por trás. A Universidade do Porto tornou-se parceira. Sérgio Reis Cunha, da Faculdade de Engenharia, assume a direcção técnica — o engenheiro electrotécnico coordena um programa de lançamento de balões estratosféricos em parceria com a Agência Espacial Europeia. Paulo Afonso, mestre em Astrofísica e doutorando no Instituto Max Planck de Física Extraterrestre, em Munique, é consultor científico; e o director de voo é Alan Noble, o homem do leme da Cameron Balloons, o maior fabricante de balões do mundo, que será responsável pela criação do balão a hélio e também pelo fato. E contam ainda, como consultor técnico, com Andy Elson, responsável pela volta ao Mundo em balão da Breitling em 1993 — e o homem que mais vezes esteve acima dos 40.000 pés (12.200 metros).

O balão terá uma altura de 100 metros (o equivalente a um prédio de 30 andares), subirá à velocidade de 1000 pés (304 metros) por minuto e levará uma gôndola, não pressurizada, para ser mais leve. “O fato não é igual a um fato espacial, porque tem de permitir mais mobilidade”, nomeadamente para manobrar o pára-quedas depois de aberto, explica Mário. Terá de ser térmico e pressurizado, para fazer face à pressão e à temperatura, que a partir dos 30.000 pés (9.100 metros) baixa para os - 60 graus Celsius, podendo ir até aos -100. Esta tecnologia não existe em Portugal — pelo que o local da descolagem está em aberto, dependendo do patrocina-



**PÁRA-QUEDISTA** DESDE OS 20 ANOS, MÁRIO PARDO CONTA MAIS DE 4000 SALTOS NO CURRÍCULO. TRICAMPEÃO DE QUEDA LIVRE, É BASE JUMPER DESDE 2000. JÁ SALTOU DE TODO O LADO: AQUEDUTO DAS ÁGUAS LIVRES, CABO GIRÃO, CAMIÕES EM ANDAMENTO... NA ÚLTIMA FOTO, A TREINAR NO TÚNEL DE VENTO EM INGLATERRA



dor. “Pode ser no Brasil, na Índia, nos EUA, no Novo México...”, avança Mário, esclarecendo que “a única condição para a aterragem é que seja no deserto, por motivos de terreno”.

O pára-quedista levará oxigénio e, antes da subida, terá de fazer uma desnitrogenização, consumindo oxigénio puro, sem azoto, para eliminar o risco de descompressão. Além disto, leva também uma parafernália de equipamento: vários GPS, para calcular posição e velocidade; sensores de pressão atmosférica, de temperatura e de parâmetros biomédicos, que darão indicações à equipa médica cá em baixo sobre a sua condição física; rádios adequados para transmissão de dados de navegação e telemetria; e câmaras de filmar que transmitirão, em tempo real, imagens de tudo o que se passa na ascensão e queda.

Ainda não há data para a grande aventura (que depende essencialmente de arranjar patrocinadores, já que o projecto ascende a quatro milhões de euros...), mas do treino do atleta fazem já parte muitas horas na câmara hipobárica da Força Aérea, onde se simula a baixa pressão atmosférica da estratosfera, e outras tantas no túnel de vento de Bedford (Inglater-

**“À medida que aprendes a lidar com o teu medo, passas a olhá-lo como um velho amigo”**

ra), “uma turbina que lança ar a uma velocidade semelhante à da queda livre...” Além disso, Mário está habituado a uma actividade física intensa. Diariamente, faz duas a três horas de treino aeróbico, ioga e meditação. Facetas do trabalho da mente, cuja *performance* é fundamental. E que reflecte outra faceta da sua vida: a de psicoterapeuta. O curso de terapeuta em comportamentos aditivos foi tirado em Londres, aos 30 anos, depois de uma “fase difícil”.

Para Mário, o mais importante neste projecto é concretizar o sonho de criança — e “passar a mensagem de que é possível”. “Os limites somos nós que os impomos a nós próprios. Mas foram feitos para ser ultrapassados. Costumo dizer que não ultrapasso os meus medos — empurro-os. Vou empurrando os meus medos sempre para mais além. Gosto de os enfrentar, porque sei que são o que mais nos limita. Passei muito tempo a lutar contra eles. E querer lutar contra os medos é uma batalha perdida — a partir do momento em que os aceitas, eles tornam-se mais pequenos. À medida que aprendes a lidar com ele, passas a vê-lo de forma diferente. Quase como um velho amigo.” O seu único limite? “Não magoar os outros.” ■